



REVISTA AMBIENTE CONTÁBIL

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ISSN 2176-9036

Vol. 18, n. 1, Jan./Jun., 2026

Sítios: <https://periodicos.ufrn.br/index.php/ambiente>

<http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/Ambiente>

Artigo recebido em: 19.08.2024. Revisado por pares em: 25.01.2025. Reformulado em: 25.02.2025. Avaliado pelo sistema double blind review.

DOI: 10.21680/2176-9036.2026v18n1ID37355

ESG e objetivos de desenvolvimento sustentável na indústria têxtil brasileira: um estudo sobre relatórios corporativos

ESG and sustainable development goals in the Brazilian textile industry: a study on corporate reporting

ESG y objetivos de desarrollo sostenible en la industria textil brasileña: un estudio sobre informes corporativos

Autores

Matheus Monteiro Xavier

Bacharel em Engenharia de Materiais e Manufatura pela Universidade de São Paulo (São Carlos/Brasil). Endereço: Avenida Trabalhador Sancarlenso, 400, Parque Arnold Schimidt, São Carlos, São Paulo – Brasil, CEP: 13566-590. Identificadores (ID):

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0648-9931>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0318253431949431>

E-mail: matheus.xavier@usp.br

Ícaro Guilherme Félix da Cunha

Doutorando em Engenharia de Produção pela Universidade de São Paulo (São Carlos/Brasil). Endereço: Avenida Trabalhador Sancarlenso, 400, Parque Arnold Schimidt, São Carlos, São Paulo – Brasil, CEP: 13566-590. Identificadores (ID):

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1633-2475>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7317853846480354>

E-mail: icarogfcunha@usp.br

Cecilia Loretti de Paiva

Graduanda em Engenharia Ambiental pela Universidade de São Paulo (São Carlos/Brasil). Endereço: Avenida Trabalhador Sancarlenso, 400, Parque Arnold Schimidt, São Carlos, São Paulo – Brasil, CEP: 13566-590. Identificadores (ID):

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4316-4660>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2799695858691091>

E-mail: cecilialoretti@usp.br

Matheus Monteiro Xavier, Ícaro Guilherme Félix da Cunha, Cecília Loretti de Paiva, Etienne Cardoso Abdala e Daisy Aparecida do Nascimento Rebelatto

Etienne Cardoso Abdala

Doutorado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (São Paulo/Brasil). Docente da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Endereço: Avenida João Naves de Ávila, 2160, Santa Mônica, Uberlândia, Minas Gerais – Brasil, CEP:

38408-100. Identificadores (ID):

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6727-6680>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4280210823110363>

E-mail: etienneabdala@usp.br

Daisy Aparecida do Nascimento Rebelatto

Doutorado em Engenharia Mecânica pela Universidade de São Paulo (São Carlos/Brasil).

Endereço: Avenida Trabalhador Sancarlense, 400, Parque Arnold Schmidt, São Carlos, São Paulo – Brasil, CEP: 13566-590. Identificadores (ID):

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0611-1492>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7852151945196465>

E-mail: daisy@usp.br

Resumo

Objetivo: O presente artigo busca verificar o comprometimento efetivo de empresas brasileiras de vestuário (Indústria Têxtil) com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), bem como com os pilares ambiental, social e de governança (ESG).

Metodologia: Utilizou-se a pesquisa exploratória e documental para levantamento de dados quantitativos e qualitativos, obtidos a partir da estruturação de perguntas que mensuram a influência de ODS e ESG nas divulgações corporativas

Resultados: Foi analisado que a influência de ODS nas divulgações das empresas é similar e há maior presença de ODS relacionados a questões socioeconômicas, enquanto ODS associados a questões ambientais tiveram menos destaque. Em relação à influência de parâmetros ESG, foi atestada uma maior discrepância entre a qualidade da divulgação das empresas, embora todas tenham apresentado resultados satisfatórios, com a ressalva de que não foi possível mensurar o efeito de *greenwashing*. Desta forma, não foi encontrada relação direta entre influência de ODS e influência de ESG nos relatórios.

Contribuições do Estudo: O estudo contribuiu para dar visibilidade às divulgações das empresas de vestuário, apoiando investidores e profissionais interessados em sustentabilidade corporativa a assimilar o cenário atual e compreender as práticas mais recentes de divulgação de ODS e ESG no setor.

Palavras-chave: Sustentabilidade. ODS. ESG. Indústria Têxtil. Relatórios de Sustentabilidade.

Abstract

Purpose: The present article seeks to verify the effective commitment of Brazilian clothing companies (Textile Industry) to the United Nations' Sustainable Development Goals (SDGs), as well as to the environmental, social, and governance (ESG) pillars.

Methodology: Exploratory and documentary research was used to collect quantitative and qualitative data, obtained from the structuring of questions that measure the influence of SDGs and ESG on corporate disclosures.

Results: The influence of SDGs on corporate disclosures was analyzed and found to be similar, with a greater presence of SDGs related to socioeconomic issues, while SDGs associated with environmental issues received less emphasis. Regarding the influence of ESG parameters, a greater discrepancy in the quality of corporate disclosures was noted, although all presented satisfactory results, with the caveat that it was not possible to measure the effect of greenwashing. Thus, no direct relationship was found between the influence of SDGs and the influence of ESG in the reports.

Contributions of the Study: The study contributed to providing visibility to the disclosures of textile companies, supporting investors and professionals interested in corporate sustainability to understand the current scenario and comprehend the latest practices in SDG and ESG disclosure.

Keywords: Sustainability. SDG. ESG. Textile Industry. Sustainability reports.

Resumen

Objetivo: El presente artículo busca verificar el compromiso efectivo de las empresas brasileñas de ropa (Industria Textil) con los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS), así como con los pilares ambiental, social y de gobernanza (ESG).

Metodología: Se utilizó una investigación exploratoria y documental para recopilar datos cuantitativos y cualitativos, obtenidos a partir de la estructuración de preguntas que miden la influencia de los ODS y ESG en las divulgaciones corporativas.

Resultados: Se analizó que la influencia de los ODS en las divulgaciones corporativas es similar, con una mayor presencia de ODS relacionados con cuestiones socioeconómicas, mientras que los ODS asociados con cuestiones ambientales recibieron menos énfasis. En cuanto a la influencia de los parámetros ESG, se notó una mayor discrepancia en la calidad de las divulgaciones corporativas, aunque todas presentaron resultados satisfactorios, con la salvedad de que no fue posible medir el efecto del greenwashing. Así, no se encontró una relación directa entre la influencia de los ODS y la influencia de los ESG en los informes.

Contribuciones del Estudio: El estudio contribuyó a dar visibilidad a las divulgaciones de las empresas de vestuario, apoyando a los inversores y profesionales interesados en la sostenibilidad corporativa a asimilar el panorama actual y comprender las prácticas más recientes de divulgación de ODS y ESG en el sector.

Palabras clave: Sostenibilidad. ODS. ESG. Industria Textil. Informes de Sostenibilidad.

1 Introdução

No contexto corporativo, nas últimas duas décadas, tem se observado um rápido aumento na demanda por informações não financeiras relacionadas às práticas de critérios ambientais, sociais e de governança de empresas, junto ao crescente interesse em sustentabilidade por parte de grandes investidores (Amel-Zadeh, 2018). A Responsabilidade Social Corporativa (RSC) também tem ganhado importância, valorizando decisões corporativas que vão além do interesse econômico (Pache-Durán et al., 2022).

Neste sentido, relatórios anuais de sustentabilidade, por onde práticas de *Environmental, Social, and Governance* (ESG) são divulgadas, como os propostos pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), Instituto Ethos e *Global Reporting Initiative* (GRI) — principais modelos de acordo com Conceição, Dourado e Silva (2012) — buscam oferecer transparência, embora ainda não haja um padrão definido, levando a subjetividade na interpretação (Williams, 2022). Além disso, com os atuais desafios nas divulgações ESG, como dados não auditados globalmente por órgãos regulatórios e problemas comportamentais de empresas, existe a possibilidade de *greenwashing* (divulgações ESG enganosas). Apesar disso, Yu, Van Luu e Chen (2020) apontam que companhias supervisionadas por investidores tendem a não se envolver com tais práticas.

No contexto da sustentabilidade corporativa, o setor de moda, por exemplo, enfrenta críticas devido às suas elevadas emissões de gases do efeito estufa (10% da emissão anual), as quais superam setores como aviação e navegação (*United Nations Climate Change*, 2018). A crescente preocupação com a sustentabilidade exige que as empresas de moda integrem práticas éticas e sustentáveis aos negócios, garantindo lucratividade sem impactos negativos. Dessa forma, o maior desafio para essas companhias é a implementação de práticas de sustentabilidade em toda a cadeia de valor (Ferioli, 2023).

Fiorot et al. (2022) argumentam que a tendência do *fast fashion* continua presente na atualidade, pois se alinha aos desejos dos consumidores que buscam novidades constantemente, em um contexto de predomínio das redes sociais marcadas pela aceleração ao consumo desenfreado. Gunn (2023) traça um paralelo entre ESG e *fast fashion*, afirmando que empresas focadas exclusivamente no *fast fashion* demoram mais para implementar ESG devido à necessidade de transparência em suas ações, pouca regulação ESG a partir de leis governamentais e o fato de *fast fashion* ser diretamente conectada às práticas não sustentáveis que garantem alto volume produtivo e lucro. No entanto, investidores procuram cada vez mais empresas com boa performance ESG para evitar crises reputacionais e tendem a buscar mudanças internas nas companhias de risco médio a moderado nas quais seguem investindo.

Há, também, um alerta para o grande consumo de água, poluição do oceano por microplásticos e geração de resíduos gerados pelo setor têxtil, uma vez que a produção cresce substancialmente ano após ano (Niinimäki et al., 2020). Peters, Sandin e Spak (2019) mostram em seu estudo que a produção global *per capita* de fibra têxtil cresceu de 5,9 kg para 13 kg no período de 1975 a 2018. Crescimento este que aumenta o desafio de equilíbrio ambiental, redução de emissão de gases poluentes e redução de desperdícios, reiterando a urgência por responsabilidade socioambiental e sustentável por parte de todos os *stakeholders* envolvidos: políticos, indústria, revendedores e consumidores. Ademais, Vijayarasa e Liu (2022) expandem os conceitos de moda sustentável e ética, ligando-os ao *design*, processos e materiais ambientalmente conscientes, alinhados com o ODS 12, de consumo e produção sustentável.

Diante das problemáticas destacadas, ao final deste estudo, pretende-se elucidar a seguinte questão de pesquisa: **“como as empresas de vestuário demonstram seu comprometimento com os ODS e os princípios ESG por meio dos seus relatórios anuais de sustentabilidade?”** Para responder essa pergunta, o presente trabalho tem como objetivo geral verificar o comprometimento efetivo de empresas brasileiras de vestuário (Indústria Têxtil) com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), bem como com os pilares ambiental, social e de governança (ESG), por meio da análise dos relatórios anuais de sustentabilidade divulgados pelas empresas do setor de consumo cíclico, subsetor de comércio e segmento de tecidos, vestuário e calçados listadas no Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3 (ISE B3).

Os principais resultados do estudo delimitam que as empresas analisadas demonstram um compromisso variável com os pilares ESG e os ODS, com maior ênfase nos aspectos sociais e econômicos, além da ocorrência de uma evolução qualitativa nas divulgações de sustentabilidade ao longo dos anos, com ênfase aos ODS 8, 12 e 16. Apesar disso, nota-se que os ODS voltados à sustentabilidade ambiental foram menos abordados, revelando um desafio persistente no setor. Ademais, a influência dos critérios ESG nas divulgações apresentou-se em níveis médios a altos, sugerindo uma preocupação crescente com o desenvolvimento sustentável e a manutenção de uma boa reputação entre *stakeholders* por parte das empresas em questão.

De maneira geral, o estudo contribui para a identificação do alinhamento entre ODS e ESG em empresas têxteis brasileiras, indicando as lacunas existentes com relação ao alcance de metas ambientais, revelando um perfil das práticas sustentáveis dessas empresas. Isso porque, a partir dos resultados encontrados destaca-se um comprometimento crescente entre os pilares ESG e os ODS, especialmente nos aspectos sociais e econômicos, e também em aspectos de governança corporativa da indústria têxtil, em especial no desenvolvimento de políticas de diversidade e gênero, em consonância com a sustentabilidade social.

Nesse sentido, destaca-se a relevância da divulgação de relatórios ESG, a partir de informações claras e transparentes, para que os princípios de sustentabilidade sejam considerados um elemento institucionalizado pelas empresas. Um maior estímulo à divulgação de relatórios ESG colabora para o alcance de metas que ainda não estão sendo alcançadas pelas práticas organizacionais, melhorando o desempenho e tornando as ações empresariais mais visíveis, e as empresas, mais atraentes como opções para investidores.

2 Revisão da Literatura

2.1 Desenvolvimentos sustentável e ODS

O desenvolvimento sustentável ganhou destaque global a partir de grandes marcos históricos, como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente em 1972, em Estocolmo, Suécia. Nesse evento, foram discutidos princípios fundamentais para a proteção ambiental, inclusive em países emergentes, durante um período marcado pelo contexto pós-guerra fria e pela crescente percepção dos impactos negativos da industrialização mundial (Martins & Brando, 2023). Posteriormente, a Rio-92, realizada no Rio de Janeiro em 1992, concebeu a Agenda 21, um conjunto de 27 princípios universais que visavam orientar a humanidade rumo ao desenvolvimento sustentável, destacando a necessidade de equilibrar o modelo econômico com práticas mais conscientes de consumo, produção e trabalho (Marques, 2020).

Em 2000, 191 países membros das Nações Unidas estabeleceram os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), os quais funcionaram como um guia para a redução da pobreza extrema, com oito metas (objetivos) a serem atingidas até 2015 (Marinho, 2020). Na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, foi apresentada a Agenda 2030, contendo os ODS com 17 metas e 230 indicadores para medir os avanços globais rumo a um futuro sustentável e próspero, por meio de mudanças transformadoras (Bennich; Weitz; Carlsen, 2020).

Leal Filho et al. (2018) reforçam que os ODS oferecem uma grande oportunidade para fomentar a agenda de pesquisa global sobre sustentabilidade, tendo em vista que promovem a interdisciplinaridade nas pesquisas sobre sustentabilidade, com mais orientação à solução de problemas, e intensificam a comunicação de resultados científicos com *stakeholders*, além de fomentar governança, viabilizando meios de entrelaçar ciência com decisões políticas.

A sustentabilidade se revelou essencial em produtos e serviços (Sparacino et al., 2021), dado que empresas atuais enfrentam um contexto desafiador e em constante mudança, buscando lucro enquanto equilibram a necessidade de proteger o meio ambiente e a sociedade. Particularmente na indústria têxtil, globalmente disseminada devido à necessidade humana de vestuário e seus usos adicionais, além da sua importância econômica, social, política e cultural (Fujita & Jorente, 2015), a sustentabilidade é crucial devido às suas aplicações diversas e impacto significativo no meio ambiente. Esta indústria gera poluição de água, ar e solo, além de consumir grandes quantidades de água e energia (Toniollo, Zancan & Wust, 2015). Nesse contexto, o Brasil, como o quinto maior produtor têxtil do mundo e o quarto em vestuário, possui uma produção significativa e um impacto importante no mercado de trabalho (Cavalcanti & Dos Santos, 2022), enquanto a China lidera a produção global.

Mazzioni et al. (2023) afirmam que empresas com boa performance em aspectos ESG (*Environmental, Social, and Governance*) tendem a se alinhar mais com os ODS, contribuindo para redução de riscos sociais e ambientais intrínsecos aos objetivos da organização. Foi atestado, também, que companhias que apresentam dupla frente de atuação com ESG e ODS revelam maior cuidado com seus *stakeholders* e estão menos expostas a riscos de crises reputacionais e legais.

Aliado a isso, a crescente importância da reputação das marcas e da confiabilidade do consumidor destaca a necessidade de práticas ESG mais robustas e bem definidas no setor (Yu, Ahn & Han, 2023). Ademais, o setor têxtil impacta diretamente vários ODS, como água limpa e saneamento (ODS 6), trabalho decente e crescimento econômico (ODS 8) e consumo e produção responsáveis (ODS 12) (Truong et al., 2021). Dessa maneira, a escolha deste tema é motivada pelo impacto significativo da indústria têxtil e de vestuário no Brasil e globalmente, abrangendo aspectos econômicos, sociais, ambientais e de governança. Van Hoang, Pham e Nguyen (2023) observam ainda uma relação positiva entre o cumprimento dos ODS por países e o desempenho ESG de suas empresas. No entanto, os autores apontam a falta de evidências sobre a conexão entre desenvolvimento sustentável e divulgação ESG, sublinhando a necessidade de mais pesquisas e dados para fortalecer essa relação.

Considerando a relação entre ODS e ESG, fatores ESG têm impactos variados nos ODS em diferentes países. Fatores ambientais impactam negativamente os ODS em alguns países, enquanto fatores sociais e de governança têm efeitos positivos em outros. Isso destaca a necessidade de estratégias de desenvolvimento sustentável específicas para cada país (Isik et al., 2024). Para Gidage e Bhide (2024), em países em desenvolvimento, integrar princípios ESG com estratégias de crescimento econômico é crucial para melhorar o cumprimento dos ODS, pois as dimensões ESG se correlacionam positivamente com a obtenção dos ODS.

2.2 Responsabilidade Social Corporativa e ESG

A Responsabilidade Social Corporativa (RSC) surgiu com Bowen (1953), a partir de questionamentos acerca das obrigações dos empresários em relação aos valores e objetivos sociais das empresas. Essa terminologia ganhou força no período pós-Segunda Guerra Mundial, impulsionada pela crescente consciência social da época, e vem se consolidando no mundo corporativo desde então (Carroll, 2015). Duas principais linhas teóricas sobre RSC são destacadas: a teoria dos *stakeholders* e o modelo da intersecção de círculos (Chufama, Sithole & Utaumire, 2021). A teoria dos *stakeholders* defende que o sucesso e a durabilidade de uma empresa dependem do atendimento às metas econômicas e não econômicas que refletem os interesses dos *stakeholders*, como funcionários, acionistas, consumidores e a comunidade. Já o modelo da intersecção de círculos, proposto por Schwartz e Carroll (2003), sugere que os interesses econômicos, legais e éticos de uma empresa se intersectam, sendo igualmente importantes para garantir o apoio e crescimento da companhia.

Carroll (2015) observa que, embora existam inúmeras definições de RSC na literatura, não há consenso entre elas. Entretanto, é possível destacar aspectos principais como: proteção e o desenvolvimento. O primeiro diz respeito a como empresas podem proteger a sociedade, a partir da prevenção a efeitos negativos (poluição, má gestão de resíduos, discriminação, etc.), enquanto o segundo se refere a como companhias podem colaborar positivamente no bem-estar de seus colaboradores e da sociedade na totalidade, seja por ações filantrópicas ou apoio à comunidade local.

O debate sobre a essência da RSC questiona se esta reflete genuinamente os valores de uma empresa ou se é somente uma questão de imagem. Mendonça e Gonçalves (2004) argumentam que um comportamento corporativo com responsabilidade social confere legitimidade e boa reputação às empresas, facilitando a obtenção de recursos e incentivos governamentais. Por fim, apontam que a RSC pode ser mascarada por meio de estratégias de “gerenciamento de impressões”, visando influenciar a opinião pública.

Em alinhamento com a concepção de RSC e envolvendo a temática ambiental, o princípio ESG é uma abordagem sistemática que integra fatores ambientais, sociais e de governança na gestão corporativa, originando-se do conceito de investimento responsável e representando um compromisso com o crescimento de valor corporativo a longo prazo (Li, 2021). Apesar de ter surgido formalmente em 2004, após um relatório do Pacto Global da ONU em parceria com o Banco Mundial, o ESG tem suas raízes históricas na década de 1960, quando investidores ativistas, mesmo que ainda sem a criação do acrônimo, começaram a perceber o desequilíbrio entre crescimento produtivo e regeneração ambiental (Eccles, Lee & Strohle, 2020). Nesse contexto, a sustentabilidade tornou-se essencial nas escolhas das organizações globalizadas, destacando-se cada vez mais no mundo corporativo por meio de indicadores que mostram suas reais facetas, sem o efeito de *greenwashing* (Costa & Ferezin, 2021).

Apesar de sua crescente importância, não há consenso sobre parâmetros e métricas ESG, resultando em uma diversidade de índices e ranqueamentos que podem dificultar a tomada de decisão dos investidores (Berg, 2022). A falta de padronização é ainda mais evidente em países emergentes, como os do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que, apesar de produzirem cerca de 25% do PIB mundial, ainda não apresentam uma agenda ESG amplamente praticada e padronizada (De Melo, 2023).

Com relação à divulgação ESG, esta pode ser voluntária, quando a empresa decide o que e como divulgar, ou obrigatória, seguindo solicitações de reguladores e princípios contábeis, mas mantendo sigilo sobre informações financeiras futuras (Aghamolla & An, 2023). Independentemente da modalidade, a qualidade e precisão das divulgações ESG são

fundamentais para que investidores possam tomar decisões informadas e influenciar comportamentos corporativos, monitorando o mercado e avaliando melhor o cenário das empresas (Fairfax, 2022). Ademais, a demanda por qualidade e padronização de dados ESG tende a aumentar, uma vez que existe uma validação empírica de que há retorno financeiro a partir de boa performance ESG (Eccles & Strohle, 2018).

Além disso, a elaboração e divulgação de relatórios contábeis e financeiros associados a informações sobre práticas sustentáveis tornou-se um importante mecanismo organizacional para institucionalização e promoção das ações de sustentabilidade empresarial para governos, sociedade e demais stakeholders. Conforme destaca Verrecchia (2001) modelos de divulgação baseados em economia estabelecem um vínculo entre os relatórios financeiros e as consequências econômicas dessa atividade. Sem esse elo, a pesquisa em contabilidade financeira está aberta à acusação de que estuda regras de contabilidade e promulgações de opinião, mas na ausência de qualquer motivação econômica. Sugere-se, portanto, pesquisar modelos empregados para discutir a divulgação no contexto dos mercados de capitais.

2.3 Índice de Sustentabilidade Empresarial

Em relação à divulgação de relatórios e elaboração de informações que promovem associação entre ações de sustentabilidade e o mercado financeiro, o primeiro Índice de Sustentabilidade Empresarial, o *Dow Jones Sustainability Index* (DJSI), foi criado em 1999 nos Estados Unidos, visando mensurar a atuação financeira de empresas comprometidas com práticas sustentáveis e com maior reconhecimento no mercado (Machado, Machado & Corrar, 2009). O reflexo disso ocorreu em 2005, quando a Bolsa de Valores do Brasil (B3) criou o ISE B3, com a intenção de catalogar empresas de referência em sustentabilidade que atuam conforme a RSC. Tal marco representou o pioneirismo de um índice de sustentabilidade na América Latina (Teixeira, Nossa & Funchal, 2011). A própria B3 define o índice como “o indicador do desempenho médio das cotações dos ativos de empresas selecionadas pelo seu reconhecido comprometimento com a sustentabilidade empresarial” (B3, 2022).

Para ser elegível ao ISE B3, as empresas devem atender a critérios, como presença em pregão em pelo menos 50% do tempo nas três últimas cadeiras, estar entre as 200 maiores posições no Índice de Negociabilidade (IN), não ser classificada como “*Penny Stock*”, e cumprir um conjunto de critérios de sustentabilidade. A completa descrição de requisitos e detalhamento técnico, está presente nos Manuais de Definições, Procedimentos dos Índices e Diretrizes do ISE B3 (B3, 2022). O questionário do ISE B3 é estruturado em quatro níveis: dimensões, temas, tópicos e perguntas. As dimensões abrangem capital humano, governança corporativa e alta gestão, modelo de negócio e inovação, capital social, meio ambiente e mudança no clima. Os temas podem ser gerais, aplicáveis a qualquer tipo de empresa, ou específicos, direcionados para setores específicos, com perguntas que proporcionam um refinamento incremental na avaliação (B3, 2022).

3 Procedimentos Metodológicos

Para o desenvolvimento dos procedimentos metodológicos, parte-se do pressuposto de que as ações em ESG exercem impacto sobre o alcance dos ODS. A implementação de estratégias ESG e estruturas de governança influencia significativamente os impactos dos ODS. Ações de melhoria no score ESG sugerem alinhamento na relação entre a estratégia de uma empresa e os resultados dos ODS, enquanto as estruturas de governança desempenham um papel moderador. A inserção da estratégia em uma empresa também afeta positivamente o

impacto dos ODS, oferecendo implicações práticas para os líderes empresariais (Tyan, Liu & Fu, 2024).

É importante ressaltar que esta pesquisa não pretende identificar a comprovação de uma relação hipotética entre as variáveis ODS e ESG, mas identificar se o desempenho das variáveis estudadas caminha em uma mesma direção quando as empresas listadas em bolsa de valores, e destacam a divulgação de relatórios ESG, agem em prol de práticas ambientais, sociais e de governança que causem impacto na sustentabilidade global. Portanto, não foram consideradas etapas de análises estatísticas multivariadas para comprovação de hipóteses.

3.1 Seleção das empresas para análise

Para este estudo, as análises foram delimitadas às empresas do setor de consumo cíclico e subsetor de comércio de tecidos, vestuários e calçados, listadas na 19ª carteira teórica do ISE B3, em vigor desde janeiro de 2024, com o primeiro rebalanceamento quadrimestral em maio de 2024. As empresas analisadas foram Arezzo Indústria e Comércio (ARZZ3), C&A Modas (CEAB3), Grendene (GRND3), Grupo de Moda Soma (SOMA3), Guararapes Confecções (GUAR3), e Lojas Renner (LREN3), excluindo-se a Magazine Luiza (MGLU3) da análise, pois seu foco de vendas é diferenciado, não limitando-se ao comércio de vestuário.

Apesar de desde 2005 a bolsa brasileira apresentar o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3), com um forte apelo para a divulgação de informações de sustentabilidade (Paranhos et al. 2024), foi a partir de 2021 que a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), por meio de alterações na resolução 59, passou a exigir que empresas listadas na bolsa brasileira, divulgassem informações ESG, aumentando a prevalência da divulgação de relatórios de sustentabilidade (Murcia, 2024).

Nesse sentido, foram levantados a ocorrência de divulgação de relatórios de sustentabilidade das empresas listadas no ISE B3 nos últimos 10 anos. No caso do setor e subsetor escolhido, havia a disponibilidade de divulgação de relatórios entre 2020 e 2022 de tais empresas. Neste sentido, consideraram-se somente as empresas cujos relatórios anuais estavam disponíveis para todo o período, garantindo a homogeneidade da análise. O recorte temporal foi conduzido, excluindo anos posteriores a 2022, por indisponibilidade de relatórios na data da análise. Foram, portanto, analisadas as empresas ARZZ3, CEAB3, GRND3, LREN3 e SOMA3.

3.2 Coleta e análise de dados

Para este estudo, foi realizada a coleta de informações a partir dos relatórios anuais de sustentabilidade das empresas analisadas. Os dados revelados pelos relatórios da ISE B3 foram utilizados para a realização do estudo. As principais diretrizes consideradas para o cálculo dos *Score* ISE B3 envolvem o preenchimento de questionários por parte das empresas, onde estão disponíveis questões sobre temas como capital humano, governança corporativa e alta gestão, modelo de negócio e inovação, capital social, meio-ambiente e mudança no clima. A avaliação quantitativa dos dados consiste no cálculo do total dos pontos obtidos por cada empresa respondente, resultante no seu *Score-base*, variando de 0 a 100 pontos percentuais. Observa-se que a resposta da empresa participante é voluntária e autodeclarada (ISE B3, 2022).

A escolha dessa fonte se justifica por ser o principal meio pelo qual as empresas divulgam suas ações, estratégias, resultados, evoluções e conquistas vinculados aos parâmetros ESG, ODS e outras ações de sustentabilidade, visando legitimar sua imagem e reputação frente aos seus *stakeholders*. Esses relatórios, disponíveis ao público nos *sites* de central de

Relacionamento com Investidores (RI) das empresas e no *site* do ISE B3, são robustos e abrangem diversas áreas internas das companhias, fornecendo insumos importantes para compreender o posicionamento da empresa frente às problemáticas socioambientais e de governança.

A coleta dos dados ocorreu de forma dedutiva, buscando embasamento racional e empírico para deduzir as consequências da lacuna de pesquisa e testar as hipóteses levantadas (Marconi & Lakatos, 2004). Para obter um ranqueamento dos parâmetros ESG, considerou-se o *Score-base* ISE B3 das empresas escolhidas, o qual avalia dimensões como capital humano, governança corporativa, modelo de negócios e inovação, capital social, meio ambiente e mudança do clima (B3, 2022). Além de ser resultado da avaliação que se utiliza no processo de ranqueamento e seleção para a carteira, sendo um fator quantitativo para ajustar possíveis distorções advindas de avaliações de empresas que, eventualmente, não tenham tido rigor ao responder ao questionário do ISE.

O primeiro passo foi medir a proximidade das empresas com os ODS. Assim, foi elaborado um questionário com perguntas-base (como observado na Tabela 1) para verificar a evidenciação dos ODS nos relatórios corporativos, conforme sugerido por Erin, Bamigboye e Oyewo (2022). Cada pergunta foi avaliada com uma nota de 0 a 10, conforme a percepção relativa de influência dos ODS no relatório de sustentabilidade e seguindo uma proposta de pontuação elaborada pelos autores, sendo 0 pontos, equivalente a Sem Influência (SI), 2,5 pontos para Influência Baixa (IB), 5 pontos para Influência Média (IM), 7,5 pontos para Influência Alta (IA), e 10 pontos denotando uma Influência Muito Alta (IMA). As respostas foram avaliadas com os critérios estabelecidos na Tabela 1.

Tabela 1

Perguntas para medição de proximidade com ODS

ID	Pergunta	Objetivo
P1	A empresa menciona ODS em seu relatório anual?	Entender se há qualquer menção aos ODS
P2	A empresa identifica ODS prioritários?	Entender se há destaque de ODS principais
P3	A empresa divulga metas e indicadores relacionados aos ODS?	Entender se existem metas e indicadores que dão suporte às ações relacionadas aos ODS
P4	A empresa menciona ODS como parte da sua estratégia ou modelo de negócio?	Entender se os ODS estão intrinsecamente ligados à estratégia da empresa
P5	As empresas identificam algum framework para divulgação de ODS?	Entender se há um modelo padrão de divulgação dos ODS
P6	O termo ODS é mencionado na mensagem do CEO?	Entender se a preocupação com ODS é legitimada pela alta hierarquia da empresa

Fonte: adaptado de Erin, Bamigboye e Oyewo (2022).

O segundo passo focou na obtenção de dados acerca de parâmetros ESG, estruturados na Tabela 2, com perguntas dentro das possíveis lacunas dos pilares ambiental, social e de governança, baseadas na proposta de Khaled et al. (2021), que estabeleceram categorias para análise ESG, bem como as métricas mais relevantes de cada categoria.

Tabela 2

Perguntas para estudo da influência dos parâmetros ESG

ID	Pergunta	Objetivo	Temática
Pilar Ambiental			
P7	A empresa divulga ações para redução de emissão de gases?	Compreender as ações para redução de emissões e impactos ambientais.	Emissões
P8	A empresa divulga ações para melhorar a gestão de recursos?	Compreender como as empresas estão gerindo seus recursos no processo produtivo.	Gestão de recursos
P9	A empresa atualiza as inovações empregadas para diminuir o impacto ambiental?	Entender as novas tecnologias empregadas para minimizar o impacto ambiental e os resultados atingidos.	Inovação
Pilar Social			
P10	A empresa emprega políticas para garantia dos direitos humanos aos trabalhadores?	Entender se há preocupação com condições trabalhistas que atendam aos direitos humanos, como inexistência de trabalho forçado e infantil.	Direitos humanos
P11	A empresa realiza ações de apoio à comunidade?	Compreender como a empresa assume compromissos para o bem-estar da comunidade em que está inserida.	Comunidade
P12	Os trabalhadores encontram condições adequadas e seguras para exercer sua função?	Assimilar se os colaboradores da empresa possuem segurança no ambiente de trabalho e treinamentos adequados.	Trabalhadores
P13	A empresa possui políticas para fomentar a diversidade no quadro de funcionários?	Entender as ações para promoção de diversidade e qual o cenário do quadro de funcionários atual.	Trabalhadores
P14	A empresa trabalha com políticas responsáveis para com o seu produto e o consumidor?	Compreender o grau de responsabilidade da empresa com o produto.	Responsabilidade com o produto
Pilar de Governança			
P15	A empresa está preocupada com a diversidade de gênero nos cargos de liderança?	Compreender a preocupação com diversidade na alta hierarquia da empresa.	Gerenciamento
P16	A empresa possui uma estratégia para relação com os investidores seguindo divulgações alinhadas com a RSC?	Entender se a empresa tem preocupação com divulgações que satisfaçam os investidores.	Relação com investidores

Fonte: adaptado de Khaled et al. (2021)

As Tabelas 1 e 2 limitaram-se a subsidiar a estruturação da etapa de análise de conteúdo de maneira sistemática e organizada. Portanto, não foram validadas e nem aplicadas ao crivo de especialistas como ferramenta de obtenção de dados.

4 Resultados e Análises

4.1 Proximidade das empresas com os ODS

A Tabela 3 esclarece quais são os 3 principais ODS por empresa, em quantidade de menções, dos anos de 2020 a 2022. A análise das menções aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nos relatórios de sustentabilidade de 2020 a 2022 das empresas ARZZ3, CEAB3, GRND3, LREN3 e SOMA3 revelou padrões e tendências importantes. Embora as empresas definam ODS prioritários, outros também são abordados nos relatórios de

Matheus Monteiro Xavier, Ícaro Guilherme Félix da Cunha, Cecília Loretto de Paiva, Etienne Cardoso Abdala e Daisy Aparecida do Nascimento Rebelatto

sustentabilidade, o que evidencia a interdisciplinaridade das ações para alcançar esses objetivos. A ARZZ3 não contempla os ODS 1, 6, 11, 15 e 17, enquanto a LREN3 não aborda os ODS 11, 14 e 15. As demais empresas, por sua vez, fazem ao menos uma menção a cada um dos 17 ODS.

Tabela 3

Quantidade de menções dos três principais ODS por empresa de 2020 a 2022

Top 3 ODS mais citados por empresa						
Empresa	ODS mais mencionado		2º mais citado		3º mais citado	
ARZZ3		21		19		12
CEAB3		94		60		48
GRND3		22		21		18
LREN3		93		69		39
SOMA3		58		38		36

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme apresentado na Tabela 3, nota-se uma predominância de menções ao ODS 8 (trabalho decente e crescimento econômico), ODS 12 (consumo e produção responsáveis) e ODS 16 (paz, justiça e instituições eficazes). A predominância do ODS 8 reflete a busca das empresas por melhorar as condições de trabalho e crescimento econômico, aspecto crucial para o desenvolvimento sustentável e o posicionamento estratégico das empresas frente aos *stakeholders*. Já o ODS 12 está associado à responsabilidade no consumo e produção, especialmente relevante para o setor de *fast fashion* e a necessidade de se obter maior circularidade no ciclo produtivo e de consumo, para garantir sustentabilidade ao longo de toda cadeia e reaproveitamento de peças de vestuário descartadas. O ODS 16 está relacionado à governança eficaz, com empresas seguindo normas globais para estruturar seus conselhos administrativos e garantir práticas anticorrupção.

4.2 Influência de ODS

A partir da análise dos relatórios anuais de sustentabilidade, foram obtidas as notas das perguntas P1 a P6 para obtenção de um *Score* ODS por ano. A Tabela 4 traz o resultado numérico ano após ano de influência de ODS nas divulgações e nas estratégias de negócio de cada empresa, incluindo o *Score* ODS, que representa a média do atingimento dos três anos em questão. Além disso, importante salientar que os resultados foram normalizados para homogeneizar as análises do trabalho em uma escala de 0 a 100, tendo em vista que a nota máxima do *Score* ODS é 60 (ou seja, composta por 6 perguntas avaliadas de 0 a 10).

Tabela 4
Score ODS ano após ano e Score ODS final e normalizado por empresa

Empresa	Score ODS			Score ODS Normalizado			Média	
	2020	2021	2022	2020	2021	2022	Global	Normalizada
ARZZ3	37,50	40,00	47,50	62,50	66,67	79,17	41,67	69,44
CEAB3	40,00	47,50	47,50	66,67	79,17	79,17	45,00	75,00
GRND3	42,50	42,50	42,50	70,83	70,83	70,83	42,50	70,83
LREN3	45,00	45,00	45,00	75,00	75,00	75,00	45,00	75,00
SOMA3	35,00	47,5	42,50	58,33	79,17	70,83	41,67	69,44

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com o apresentado na Tabela 4, a análise da evolução dos *Scores* ODS normalizados de 2020 a 2022 mostrou um aumento progressivo no *Score* da ARZZ3, estabilidade nos *Scores* da CEAB3, GRND3 e LREN3, e um aumento significativo no *Score* da SOMA3 em 2021, seguido por um decréscimo em 2022, destacando-se como a única empresa que teve um salto expressivo no *Score* de 2021 em comparação a 2020. Esses dados indicam diferentes padrões de evolução e estabilidade no desempenho das empresas em relação aos seus *Scores* ODS ao longo do período analisado. A média dos *Scores* ODS normalizados revelou uma proximidade nas classificações das empresas, com LREN3 e CEAB3 obtendo os maiores *Scores* (75,00), seguidas por GRND3 (70,83) e, por último, ARZZ3 e SOMA3 (69,44).

Os resultados apresentados confirmam que as cinco empresas se pautam no modelo GRI para realizar suas divulgações e, com base nesse *framework*, na parte final dos relatórios, cruzam seus grandes temas com os ODS relacionados. Desta forma, conseguem associar seus resultados e métricas aos objetivos de desenvolvimento sustentável de forma abrangente. No entanto, há variações na clareza com que os ODS são destacados nos relatórios. A SOMA3, por exemplo, ressalta quais são os ODS que aparecem no relatório, mas não enfatiza aqueles de maior impacto. Em contraponto, a LREN3 disponibiliza página exclusiva no relatório de sustentabilidade para pontuar seus principais ODS e como se conectam às metas da empresa.

Além disso, embora todas as empresas estabeleçam metas e indicadores relacionados aos ODS, a maioria não aprofunda a integração desses objetivos com suas estratégias ou modelos de negócios. Algumas estratégias são divulgadas com sinalizações visuais dos ODS afetados, mas sem explicações claras sobre como esses objetivos são alcançados. Ademais, apenas quatro dos quinze relatórios analisados incluem menção aos ODS na mensagem da presidência ou do CEO, o que distancia a alta hierarquia como fonte de legitimidade para a iniciativa macroeconômica em questão.

4.3 Influência de parâmetros ESG

As perguntas P7 a P16 nortearam a coleta de resultados para compreender a proximidade das empresas com parâmetros ESG. A Tabela 5 apresenta o resultado numérico anual de influência de ESG nas divulgações e nas estratégias de negócio de cada empresa, incluindo o *Score* ESG, que representa a média do atingimento dos três anos em questão, de forma análoga à análise feita para *Score* ODS. Os resultados numéricos expostos na Tabela 5 embasaram a discussão qualitativa da análise dos relatórios de sustentabilidade proposta.

Tabela 5

Score ESG ano após ano e Score ESG final por empresa

Empresa	Score ESG			Média
	2020	2021	2022	Aritmética
ARZZ3	67,50	77,50	77,50	74,17
CEAB3	65,00	72,50	75,00	70,83
GRND3	52,50	67,50	70,00	63,33
LREN3	87,50	90,00	90,00	89,17
SOMA3	60,00	70,00	72,50	67,50

Fonte: dados da pesquisa.

Em ordem decrescente do *Score ESG* tem-se as empresas LREN3, ARZZ3, CEAB3, SOMA3 e GRND3. A LREN3 destaca-se com uma proximidade substancialmente superior em relação ao *Score ESG* da segunda colocada, representando uma fonte potencial de boas práticas para as divulgações. Em contraste, a GRND3 ocupa a última posição, em grande parte devido ao mau desempenho no relatório de 2020, que apresentou uma abordagem abrangente, mas com temas pouco explorados, resultando em uma média final inferior. Observou-se um avanço geral na qualidade das divulgações ao longo dos anos para todas as empresas, sublinhando a crescente importância do ESG para a relação com *stakeholders* e a reputação corporativa.

Todas as empresas analisadas divulgam detalhadamente o perfil de emissões de gases, incluindo tipo, quantidade e evolução anual, além de apresentarem estratégias para a melhoria do cenário de emissões, incorporando tecnologias e inovações. Além deste detalhamento, são sinalizados os objetivos de longo prazo e desafios encontrados. Embora alguns relatórios tenham mostrado influência média em referência à P7, por não apresentarem ações vigentes claras para a reversão do cenário, foi possível esclarecer futuras medidas. As companhias demonstraram, em seus relatórios, preocupação com uma boa gestão de recursos, pontuando as diferentes iniciativas para reaproveitamento de matéria-prima, redução de consumo energético e hídrico e otimização produtiva, reforçando as inovações tecnológicas aplicadas.

No pilar social, as empresas divulgam políticas voltadas para assegurar os direitos humanos tanto para trabalhadores quanto para os fornecedores, incluindo o combate ao trabalho infantil e análogo ao escravo. No entanto, alguns relatórios demonstram influência média devido à falta de detalhes sobre ações práticas, limitando-se a afirmar a aplicação do código de ética. Apesar disso, todas as empresas evidenciam uma alta influência de políticas responsáveis em relação ao produto e consumidor, com ênfase em consumo e produção circulares, o que reflete uma preocupação com o reaproveitamento de produtos no contexto do *fast fashion*.

Embora nem todas as divulgações ofereçam detalhes sobre práticas para garantir condições adequadas e seguras de trabalho, aquelas com influência alta ou muito alta destacam campanhas e treinamentos de segurança, estruturas de comissões de prevenção de acidentes, e benefícios e ações para desenvolvimento de competências. Além disso, a maioria das empresas realiza ações de apoio à comunidade, como projetos sociais, programas de incentivo ao empreendedorismo e doações, com destaque para as iniciativas durante a pandemia de COVID-19, como a confecção de equipamentos de proteção individual e doações de fundos para suprimentos hospitalares pela LREN3 em 2020.

No quesito de diversidade no quadro de funcionários e lideranças, embora as companhias firmem o compromisso em mantê-la ou potencializá-la, algumas divulgações não mostraram vias práticas, limitando-se a exaltar ações de conscientização interna sobre diversidade. Divulgações qualificadas com alta influência, além de colocarem a pauta em

evidência, discorrem sobre as iniciativas correntes para crescimento no quesito, como contratação por meio de vagas afirmativas e criação de conselhos de diversidade.

Por fim, no pilar de governança, ficou visível em todas as divulgações uma alta influência de estratégias para relacionamento com investidores pautada na RSC. As empresas utilizam *frameworks* globais para reporte dos parâmetros ESG, contemplando todas as pautas necessárias para manter uma boa relação com seus *stakeholders*, ao passo que se posicionam com boa reputação, alinhada ao desenvolvimento sustentável.

4.4 Score-Base ISE B3

A partir do repositório de informações disponibilizadas pelo ISE B3, foi montada a Tabela 6 que detalha o *Score-Base ISE B3* e qual posição cada empresa ocupa no ranqueamento geral do ISE, além do *Score ESG* normalizado. Tendo em vista as 78 companhias que compõem o ISE, em termos de posição, a SOMA3 ocupa a última posição, enquanto a CEAB3 e GRND3 ocupam posições mais inferiores. A ARZZ3 está em uma posição intermediária, e a LREN3 se destaca ao liderar a classificação geral.

Tabela 6

Score-Base e posição no ISE B3 em comparação ao Score ESG

Empresa	Posição no ISE	Score ISE B3	Score ESG
ARZZ3	37º	78,93	74,17
CEAB3	65º	68,38	70,83
GRND3	61º	70,71	63,33
LREN3	1º	90,20	89,17
SOMA3	78º	64,14	67,50

Fonte: dados da pesquisa.

4.5 Relação de influência ESG e de ODS

Enquanto para o *Score ESG* as empresas aparecem na ordem decrescente LREN3, ARZZ3, CEAB3, SOMA3 e GRND3, para o *Score ODS* têm-se LREN3 e CEAB3 empatadas na primeira posição, seguidas da GRND3 e, na sequência, ARZZ3 e SOMA3 com a mesma pontuação de 69,45. Evidencia-se, portanto, uma relação não direta entre a posição das empresas no ranqueamento por ESG e por ODS dentro da análise executada. Comparando-se os *Score ISE B3* e *Score ESG*, nota-se uma possível relação entre estes, especialmente nas duas primeiras posições do ranking. No entanto, há notáveis discrepâncias, como a observada na GRND3, que ocupa a 61ª posição no ISE B3, mas figura em último lugar no *Score ESG*. Apesar de a primeira colocação em *Score ESG* ser ocupada pela mesma empresa que lidera a classificação por *Score ODS*, o mesmo não ocorre para a pior posição no ranqueamento ESG. A GRND3 demonstra comprometimento com os ODS e demonstra isso em seu *Score*, mas esse compromisso não se reflete nos resultados ESG. Questiona-se, portanto, os motivos para tal fenômeno; se há justificativa clara para este comportamento e como é possível equilibrar a qualidade da divulgação tanto de ODS quanto de ESG.

5 Discussões dos Resultados

Os resultados apresentados refletem que as empresas demonstram preocupação em divulgar as práticas ambientais, sociais de governança e o fazem de forma similar, a partir dos

principais temas necessários para manter uma boa relação com seus *stakeholders*, sempre relatando atingimentos, desafios, metas futuras e métricas pertinentes, a partir de modelos globais de divulgação. Em um artigo publicado anteriormente, Toniollo, Zancan e Wust (2015) detalham os diversos e significativos impactos ambientais da indústria têxtil em âmbito global ao longo de toda cadeia produtiva, por meio de emissão de gases poluentes, efluentes líquidos e consumo exacerbado de água e energia.

Os relatórios de sustentabilidade destacaram os ODS 8 (trabalho decente e crescimento econômico), 12 (consumo e produção responsáveis) e 16 (paz, justiça e instituições eficazes) como os mais mencionados. Truong (2021) ressalta o ODS 8 como uma meta econômica que reforça a necessidade de condições decentes de trabalho para os colaboradores e fornecedores da empresa, se alinhando com necessidades da indústria da moda ao se considerar fatores sociais. Porém, ODS essencialmente de caráter ambiental, como 6 (água potável e saneamento), 7 (energia limpa e acessível), 13 (ação contra a mudança global do clima), 14 (vida na água) e 15 (vida terrestre), demandam mais custos e esforços para atingimento, tiveram menos destaque nas divulgações das empresas em relação a outros objetivos.

Quanto ao ODS 12, relata as crescentes tentativas da indústria de vestuários em aumentar a circularidade da produção; reforça-se a dificuldade na escalabilidade dessa prática frente ao *fast fashion*, uma vez que é necessário primeiramente atender às necessidades dos clientes, para depois estruturar um modelo circular seguirem cumprindo o que o consumidor deseja. Vijayarasa e Liu (2022) apresentam o ODS 16 não só como uma via para garantia de instituições justas e eficazes dentro das empresas do ramo, mas também como um caminho para assegurar direitos humanos e trabalhistas.

No entanto, ODS ambientais como o 6 (água potável e saneamento), 7 (energia limpa e acessível), 13 (ação contra a mudança global do clima), 14 (vida na água) e 15 (vida terrestre) tiveram menos destaque devido aos altos custos e esforços necessários para seu atingimento, apesar do significativo impacto ambiental da indústria têxtil. A pesquisa de Soni (2023) revela que ao examinar a divulgação de relatórios individuais de práticas sociais e ambientais, torna-se aparente que as empresas no Brasil dão mais ênfase aos fatores sociais e de governança do que aos fatores ambientais, como visto na divulgação de mais de 80% dos primeiros e somente 76% dos últimos entre os anos de 2010 a 2019.

Os *Score* ODS finais das empresas se mostraram próximos, sem diferenças consideráveis, posicionando as companhias em condições similares com média a alta influência de ODS em suas divulgações, validando os ODS como guia para o comportamento corporativo e apoio para medição da responsabilidade social das empresas, conforme a conclusão de Lee & Hess (2022).

Williams (2022) argumenta que as divulgações em relatórios de sustentabilidade, embora possam seguir *frameworks* globais, não possuem padronização na exposição dos dados, trazendo um fator subjetivo nas análises ESG. Nesse contexto, não foi possível mensurar o potencial efeito de *greenwashing* nos relatórios de sustentabilidade, dado o contexto desafiador de não padronização das divulgações ESG e ausência de órgãos globais regulatórios para auditoria (Yu, Van Luu & Chen, 2020).

A LREN3 destacou-se com o maior *Score* ESG, liderando também os *Scores* ODS e ISE B3, podendo servir como *benchmarking* para boas práticas nas divulgações futuras das demais companhias do setor que almejam se posicionar como sustentáveis frente aos seus *stakeholders*, tendo em vista que o reporte de parâmetros ESG são ferramentais importantes para tomada de decisão de investidores (Fairfax, 2022).

Na comparação entre *Score* ODS e *Score* ESG, não foi possível validar uma relação direta entre os valores, uma vez que uma empresa, como a GRND3, que está pior posicionada no ranqueamento ESG, aparece com melhor colocação na influência de ODS em suas divulgações. Não foi possível encontrar motivação satisfatória que justifique o comportamento de diferença entre qualidade de divulgações ODS e ESG, como no caso da GRND3. No entanto, as influências tanto de ODS quanto de ESG nas divulgações se mantiveram em níveis, médio a alto, endossando os relatos de Mazzioni (2023), os quais afirmam que companhias com boas práticas ESG possuem tendência em reportar também ODS, demonstrando zelo por suas reputações e relacionamentos com investidores.

Uma vez que as empresas deste trabalho estão listadas no ISE B3, que busca catalogar as principais companhias com práticas sustentáveis e alinhadas a RSC (Teixeira, Nossa & Funchal, 2011), é natural ter sido percebida uma considerável preocupação com diretrizes alinhadas a RSC. Van Hoang, Pham e Nguyen (2023) discorrem que um alto engajamento com a RSC tende a catalisar uma relação positiva entre ESG e ODS.

No entanto, nota-se que muitas empresas embora obtivessem pontuações positivas para aspectos sociais, não apresentam nitidamente as ações práticas que desenvolvem para atingir metas com relação a objetivos importantes, como redução da desigualdade (ODS2), diversidade e direitos humanos, elementos que se relacionam diretamente com os ODS 4, 10 e 16. Destes, apenas o ODS 16 aparece como o mais citado ou relacionado pelas empresas do setor têxtil avaliadas, indicando haver uma significativa preocupação em mostrar ações que legitimam uma boa governança, alinhada aos pressupostos que ditam o aspecto G do ESG.

Em sua pesquisa, Soni (2023) aponta que quase 75% das empresas fazem divulgações ESG no Brasil, seguidas por 54% na Índia e 32% na China. Além disso, as empresas em todos esses países tendem a enfatizar mais as divulgações relacionadas à governança, com o Brasil tendo divulgações ESG mais altas do que a Índia e a China. Os testes de correlação e causalidade indicam uma correlação positiva significativa entre as pontuações ESG médias e as pontuações ODS específicas do país, e as divulgações ambientais de uma empresa se traduzem em pontuações ODS mais altas. No entanto, o mesmo é inválido para fatores Sociais e de Governança. Essas descobertas têm implicações importantes, dada a atenção global sobre as ligações entre a divulgação ESG e a pontuação ODS.

Os fatores ESG têm impactos diferenciados nos ODS, variando segundo o país e o contexto. Em alguns casos, os fatores ambientais podem impactar negativamente os ODS em alguns países, enquanto fatores sociais e de governança mostram impactos positivos em outros. Isso ressalta a importância de estratégias de desenvolvimento sustentável específicas para cada país (Isik et al, 2024). A ligação positiva entre a abordagem ESG e os ODS sugere que as empresas podem atingir tanto o desempenho financeiro como as metas de sustentabilidade, reforçando o valor da integração de princípios ESG nas estratégias de investimento (Bekaert, Rothenberg & Noguer, 2023).

6 Considerações Finais

A análise dos relatórios de sustentabilidade das empresas da indústria de vestuários listadas no ISE B3 permitiu responder à questão de pesquisa, uma vez que os relatórios de sustentabilidade das empresas revelaram, quantitativa e qualitativamente, o comprometimento de empresas da indústria de vestuários com os pilares ESG e os ODS da ONU, a partir da metodologia de análise empregada. Assim, o objetivo geral do trabalho foi alcançado, juntamente com os objetivos intermediários, que identificaram as principais ações de sustentabilidade e avaliaram o alinhamento dessas ações com os ODS e critérios ESG.

Os resultados indicam que as empresas analisadas apresentam uma proximidade na influência de ODS em seus relatórios de sustentabilidade e mostraram uma evolução na qualidade das divulgações entre 2020 e 2022. Houve maior presença de menções aos ODS 8, 12 e 16, relacionados principalmente a pilares sociais e econômicos e que, via de regra, são menos custosos financeiramente e com uma mensuração mais subjetiva. Em contrapartida, os ODS com foco em sustentabilidade ambiental, que demandam mais recursos, foram menos abordados, apesar do significativo impacto ambiental do setor em escala mundial.

A influência de critérios ESG nas divulgações se apresenta em níveis médio e alto dentre as empresas analisadas, demonstrando haver preocupação com o desenvolvimento sustentável, manutenção de boa reputação e relação com *stakeholders*, ao passo que existe margem de evolução na qualidade ESG dos relatórios de sustentabilidade. A LREN3 se apresenta como referência no setor, além de liderar o ranqueamento do *Score* Base do ISE B3.

As limitações do estudo incluem o pequeno campo amostral de empresas do setor listadas no ISE B3 e a indisponibilidade de relatórios de sustentabilidade em alguns anos, o que restringiu a análise. Além disso, nota-se que, por meio do estudo, não foi possível avaliar o efeito de *greenwashing* nos relatórios estudados, o que pode estar associado à necessidade de maior transparência por parte das empresas em seus relatórios de sustentabilidade divulgados. Em adição, outra limitação decorre do fato da análise executada ser subjetiva, com a pontuação dos Scores levantados sendo atribuída exclusivamente pelo responsável pela análise.

Este estudo contribui para aumentar a visibilidade acerca da qualidade das divulgações em relatórios de sustentabilidade de empresas de vestuário, podendo apoiar investidores e profissionais interessados em sustentabilidade corporativa a compreenderem o cenário atual. Além disso, os resultados revelam que, embora haja um comprometimento crescente com os pilares ESG e os ODS, especialmente nos aspectos sociais e econômicos, há oportunidades para as empresas aprimorarem a visibilidade de suas ações, particularmente nas dimensões sociais destacadas pelo ODS 16. O estudo também contribui de forma prática ao apresentar um modelo replicável em diversos setores da economia, facilitando a comparabilidade das relações entre ESG e ODS em diferentes contextos.

Para futuras pesquisas, sugere-se a análise dos resultados financeiros das empresas consideradas neste trabalho, a fim de verificar se há uma relação direta com boas práticas de divulgação de ODS e ESG. Além disso, próximas pesquisas podem replicar os levantamentos de *Score* ODS e *Score* ESG para outras empresas listadas no ISE B3 e pertencentes a outros setores e subsetores, de forma a aprofundar o entendimento das práticas de sustentabilidade e perfis de divulgação de outros segmentos empresariais. Estudos futuros podem também explorar a análise de proximidade entre ESG e ODS por meio da utilização de métodos multicritérios de apoio à tomada de decisão e análise multivariada, além de expandir o campo amostral para outros setores.

Referências

Aghamolla, C., & An, B.-J. (2023). Mandatory vs. voluntary ESG disclosure, efficiency, and real effects. *Nanyang Business School Research Paper*, (22-41).

Amel-Zadeh, A. (2018). Social responsibility in capital markets: A review and framework of theory and empirical evidence. *SSRN Electronic Journal*.
<https://doi.org/10.2139/ssrn.2664547>

B3 - Brasil, Bolsa, Balcão. (2022). *Metodologia do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3)*. Disponível em: https://iseb3-site.s3.amazonaws.com/ISE_B3_-_Metodologia_2023-vf-07jul2023.pdf. Acesso em: 5 de maio de 2024.

Bekaert, G., Rothenberg, R. V., & Noguer, M. (2023). Sustainable investment - Exploring the linkage between alpha, ESG, and SDGs. *Sustainable Development*, 31(5), 3831–3842. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3623459>

Bennich, T., Weitz, N., & Carlsen, H. (2020). Deciphering the scientific literature on SDG interactions: A review and reading guide. *Science of the Total Environment*, 728, 138405. <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2020.138405>

Berg, F., Koebel, J. F., & Rigobon, R. (2022). Aggregate confusion: The divergence of ESG ratings. *Review of Finance*, 26(6), 1315-1344. <https://doi.org/10.1093/rof/rfab040>

Carroll, A. B. (2015). Corporate social responsibility. *Organizational Dynamics*, 44(2), 87-96. <https://doi.org/10.1016/j.orgdyn.2015.02.004>

Cavalcanti, A. M., & Dos Santos, G. F. (2022). A indústria têxtil no Brasil: Uma análise da importância da competitividade frente ao contexto mundial. *Exacta*, 20(3), 706-726. <https://doi.org/10.5585/Exacta.2022.00354>

Chufama, M., Sithole, F., & Utaumire, Y. (2021). A review of corporate social responsibility theories and models. *International Journal of Economics, Commerce and Management*, 9(3), 104-119.

Compact, UN Global. (2004). *Who Cares Wins-The Global Compact Connecting Financial Markets to a Changing World*. Disponível em: https://www.unepfi.org/fileadmin/events/2004/stocks/who_cares_wins_global_compact_2004.pdf. Acesso em: 1 de maio de 2024.

Conceição, S. H., Dourado, G. B., & Silva, S. F. (2012). Global reporting initiative (GRI) - Um estudo exploratório da prática de evidenciação em sustentabilidade empresarial na América Latina. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, 2(3), 17-38. <https://doi.org/10.18028/1679-1200/2012.v2n3a2>

Costa, E., & Ferezin, N. B. (2021). ESG (Environmental, Social and Corporate Governance) e a comunicação: O tripé da sustentabilidade aplicado às organizações globalizadas. *Revista Alterjor*, 24(2), 79-95. <https://doi.org/10.5380/alterjor.v24n2a43245>

De Melo, J. J. (2023). The BRICS in the sustainable agenda: Performance analysis of ESG indices in the financial markets in Brazil, China, India and South Africa. *International Journal of Business*, 10(1), 1-11. <https://doi.org/10.1186/s42301-023-00114-5>

Eccles, R. G., Lee, L.-E., & Strohle, J. C. (2020). The social origins of ESG: An analysis of Innovest and KLD. *Organization & Environment*, 33(4), 575-596. <https://doi.org/10.1177/1086026620913962>

Eccles, R. G., & Strohle, J. C. (2018). Exploring social origins in the construction of ESG measures. *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3212685>

Erin, O. A., Bamigboye, O. A., & Oyewo, B. (2022). Sustainable development goals (SDG) reporting: An analysis of disclosure. *Journal of Accounting in Emerging Economies*, 12(5), 761-789. <https://doi.org/10.1108/JAEE-06-2021-0175>

Fairfax, L. M. (2022). Dynamic disclosure: An exposé on the mythical divide between voluntary and mandatory ESG disclosure. *Texas Law Review*, 101, 273. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3700755>

Ferioli, M. (2023). Sustainable governance and ESG reporting in B Corporations. *Economia Aziendale Online*, 14(3). <https://doi.org/10.6092/issn.2038-5498/16067>

Fiorot, B. L., et al. (2022). A incompatibilidade da indústria fast-fashion e o mercado ESG. In *Seminário Internacional Estado, Regulação e Transformação Digital* (Vol. 1, No. 01, pp. 207-225).

Fujita, R. M. L., & Jorente, M. J. (2015). A indústria têxtil no Brasil: Uma perspectiva histórica e cultural. *ModaPalavra e-periódico*, 15, 153-174.

Gidage, M., & Bhide, S. (2024). ESG and economic growth: Catalysts for achieving sustainable development goals in developing economies. *Sustainable Development*, 1–18. <https://doi.org/10.1002/sd.3199>

Gunn, K., et al. (2023). Yellow light: ESG investing, a caution to fast fashion brands.

ISE B3 - Brasil, Bolsa, Balcão. (2022). *Diretrizes do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE)*. Disponível em: https://www.b3.com.br/data/files/EE/92/37/F2/483338101E311E28AC094EA8/ISE%20B3_Diretrizes_05092022.pdf. Acesso em: 7 de maio de 2024.

Işık, C., Ongan, S., Islam, H., Pinzon, S., & Jabeen, G. (2024). Navigating sustainability: Unveiling the interconnected dynamics of ESG factors and SDGs in BRICS-11. *Sustainable Development*, 32(5), 5437–5451. <https://doi.org/10.1002/sd.2977>

Khaled, R., Ali, H., & Mohamed, E. K. A. (2021). The Sustainable Development Goals and corporate sustainability performance: Mapping, extent and determinants. *Journal of Cleaner Production*, 311, 127599. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2021.127599>

Leal Filho, W., et al. (2018). Reinvigorating the sustainable development research agenda: The role of the sustainable development goals (SDG). *International Journal of Sustainable Development & World Ecology*, 25(2), 131-142. <https://doi.org/10.1080/13504509.2018.1424516>

- Lee, D., & Hess, D. J. (2022). Measuring corporate social responsibility: An evaluation of a new sustainable development goals index for Fortune 500 companies. *International Journal of Organizational Analysis*, 30(7), 137-154. <https://doi.org/10.1108/IJOA-06-2020-2278>
- Li, T.-T., et al. (2021). ESG: Research progress and future prospects. *Sustainability*, 13(21), 11663. <https://doi.org/10.3390/su132111663>
- Machado, M. R., Machado, M. A. V., & Corrar, L. J. (2009). Desempenho do índice de sustentabilidade empresarial (ISE) da Bolsa de Valores de São Paulo. *Revista Universo Contábil*, 5(2), 24-38. <https://doi.org/10.4270/ruc.2009.522>
- Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2004). *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- Marinho, C. da S. R., et al. (2020). Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: Impacto de ações assistenciais e mudanças socioeconômicas e sanitárias na mortalidade de crianças. *Cadernos de Saúde Pública*, 36, e00191219. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00191219>
- Marques, M. F. C. (2020). Agenda 2030: Objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS) da ONU: Desafios ao desenvolvimento tecnológico e à inovação empresarial. Tese de Doutorado. Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.
- Martins, L. A.-C. P., & Brando, F. da R. (2023). O meio ambiente em discussão: As conferências de Estocolmo e Rio 1992. *Cadernos de História da Ciência*, 17, 47-68. <https://doi.org/10.1590/2318-08892023281702>
- Mazzioni, S., et al. (2023). Reflexos das práticas ESG e da adesão aos ODS na reputação corporativa e no valor de mercado. *Revista Gestão Organizacional*, 16(3), 59-77. <https://doi.org/10.5935/1679-1827.20230009>
- Mendonça, J. R. C., & Gonçalves, J. C. de S. (2004). Responsabilidade social nas empresas: Uma questão de imagem ou de essência? *Organizações & Sociedade*, 11, 115-130. <https://doi.org/10.1590/S1984-92442004000100009>
- Muniz, A. M. V. (2022). *Geografia da indústria têxtil e de confecção*.
- Murcia, F. D.-R. (2024). ESG disclosure by Brazilian public companies. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 18(2). <https://doi.org/10.24857/rgsa.v18n2-174>
- Niinimäki, K., et al. (2020). The environmental price of fast fashion. *Nature Reviews Earth & Environment*, 1(4), 189-200. <https://doi.org/10.1038/s43017-020-0039-9>
- Nações Unidas Brasil. (2015). Os objetivos de desenvolvimento sustentável no Brasil. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 1 de maio de 2024.
- Pache-Durán, M., et al. (2022). Divulgación de información responsable en el deporte a través de las páginas web. *Transinformação*, 34, e220003. <https://doi.org/10.1590/2318-0889202234e220003>

Paranhos, M. A. H. L., Nääs, I. A., & Costa Neto, P. L. O. (2024). Evolution and challenges of environmental, social, and governance practices: An analysis of the Brazilian Stock Exchange's Corporate Sustainability Index. *Sustainability*, 16(15), 6531. <https://doi.org/10.3390/su16156531>

Peters, G. M., Sandin, G., & Spak, B. (2019). Environmental prospects for mixed textile recycling in Sweden. *ACS Sustainable Chemistry & Engineering*, 7(13), 11682-11690. <https://doi.org/10.1021/acssuschemeng.9b01251>

Prodanov, C. C., & De Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2ª ed.). Editora Feevale.

Schwartz, M. S., & Carroll, A. B. (2003). Corporate social responsibility: A three-domain approach. *Business Ethics Quarterly*, 13(4), 503-530. <https://doi.org/10.5840/beq200313435>

Soni, T. K. (2023). Demystifying the relationship between ESG and SDG performance: Study of emerging economies. *Investment Management and Financial Innovations*, 20(3), 1-12. [https://doi.org/10.21511/imfi.20\(3\).2023.01](https://doi.org/10.21511/imfi.20(3).2023.01)

Sparacino, E., et al. (2021). An integrated model for supporting aware decisions of companies in a circular and sustainable economy transition. *Procedia Environmental Science, Engineering and Management*, 8(3), 705-714.

Teixeira, E. A., Nossa, V., & Funchal, B. (2011). O índice de sustentabilidade empresarial (ISE) e os impactos no endividamento e na percepção de risco. *Revista Contabilidade & Finanças*, 22, 29-44. <https://doi.org/10.1590/S1519-70772011000100003>

Toniollo, M., Zancan, N. P., & Wüst, C. (2015). Indústria têxtil: sustentabilidade, impactos e minimização. In *VI Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental* (pp. 23-26).

Truong, H., et al. (2021). Environmental sustainability: Impacts on business performance in apparel industry. Tese de Doutorado.

Tyan, J., Liu, S.-C., & Fu, J.-Y. (2024). How environmental, social, and governance implementation and structure impact sustainable development goals. *Corporate Social Responsibility and Environmental Management*, 31(4), 3235–3250. <https://doi.org/10.1002/csr.2721>

United Nations Climate Change. (2018). UN helps fashion industry shift to low carbon. Disponível em: <https://unfccc.int/news/un-helps-fashion-industry-shift-to-low-carbon>. Acesso em: 25 de abril de 2024.

Van Hoang, T. H., Pham, L., & Nguyen, T. T. P. (2023). Does country sustainability improve firm ESG reporting transparency? The moderating role of firm industry and CSR engagement. *Economic Modelling*, 125, 106351. <https://doi.org/10.1016/j.econmod.2023.106351>

Verrecchia, R. E. (2001). Essays on disclosure. *Journal of Accounting and Economics*, 32(1–3), 97–180. [https://doi.org/10.1016/S0165-4101\(01\)00025-8](https://doi.org/10.1016/S0165-4101(01)00025-8)

Vijayarasa, R., & Liu, M. (2022). Fast fashion for 2030: using the pattern of the Sustainable Development Goals (SDGs) to cut a more gender-just fashion sector. *Business and Human Rights Journal*, 7(1), 45-66. <https://doi.org/10.1017/bhj.2022.5>

Williams, Z. (2022). The materiality challenge of ESG ratings. *Economics and Culture*, 19(2), 97-108. <https://doi.org/10.2478/jec-2022-0017>

Yu, E. P.-Y., Van Luu, B., & Chen, C. H. (2020). Greenwashing in environmental, social and governance disclosures. *Research in International Business and Finance*, 52, 101192. <https://doi.org/10.1016/j.ribaf.2020.101192>

Yu, H., Ahn, M., & Han, E. (2023). Key driver of textile and apparel industry management: fashion brand ESG and brand reputation. *Frontiers in Environmental Science*. <https://doi.org/10.3389/fenvs.2023.704375>

Zhang, Q., & Wong, J. B. (2022). ESG reputational risks and board monitoring committees. *Finance Research Letters*, 50, 103325. <https://doi.org/10.1016/j.frl.2022.103325>